

RESUMO DE SEGURANÇA EM ÁFRICA

UMA PUBLICAÇÃO DO CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DE ÁFRICA

Recalibrando a Resposta da Costa Ocidental Africana ao Extremismo Violento

POR DANIEL EIZENGA E AMANDINE GNANGUËNON

DESTAQUES

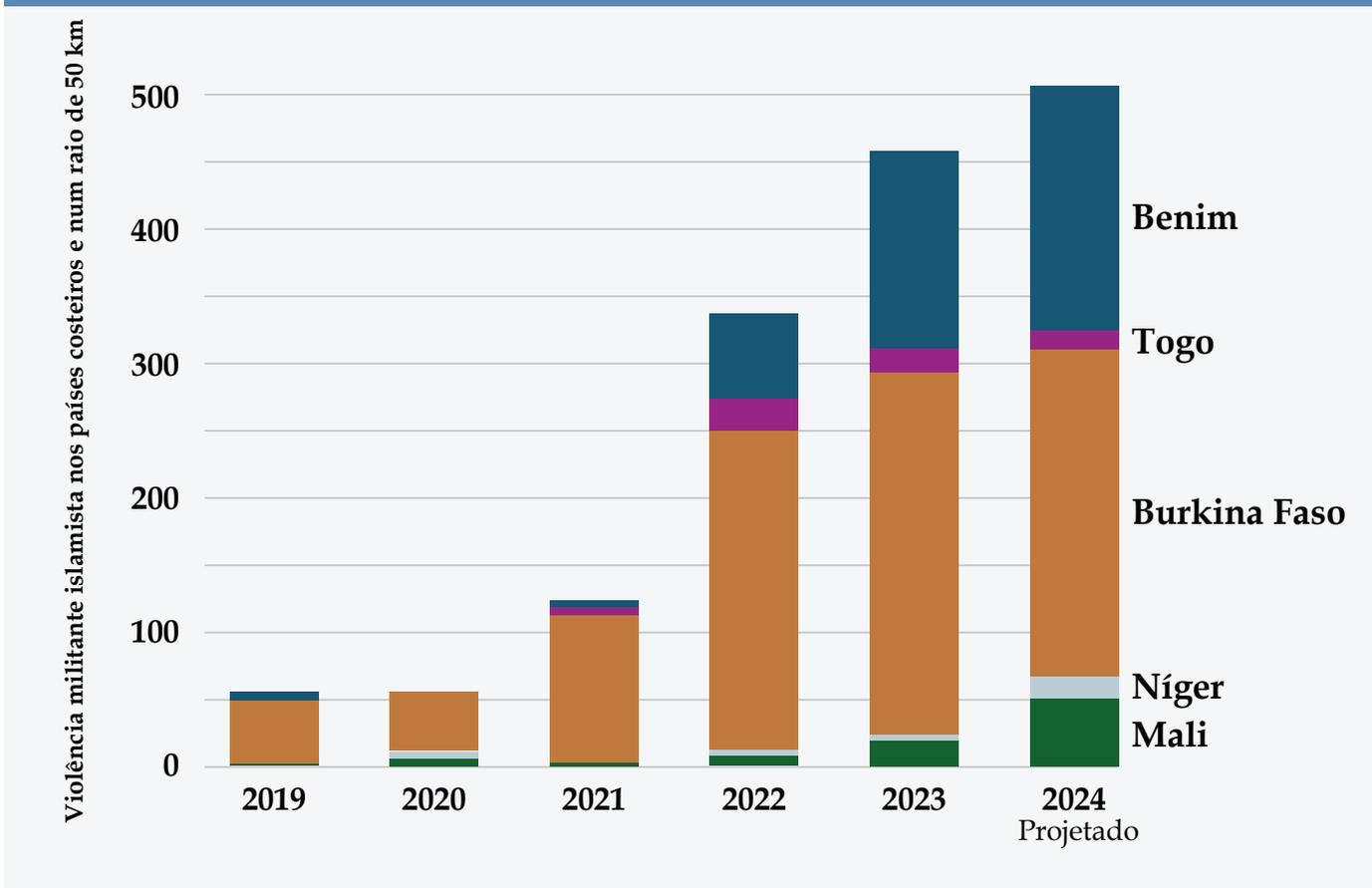
- A violência extremista no Sahel está a espalhar-se nos os países costeiros da África Ocidental.
- Os governos dos países costeiros da África Ocidental desempenham o papel de liderança na resposta a essa ameaça, fortalecendo proativamente os laços com as comunidades locais em regiões vulneráveis.
- A cooperação de segurança regional pode reforçar as defesas nacionais por meio da partilha de inteligência, coordenação de patrulhas de fronteira e treino focado na proteção da comunidade.
- Forjar uma estratégia de vários níveis – vinculando o apoio às comunidades com órgãos regionais e internacionais – ajudaria a contextualizar as respostas locais e, ao mesmo tempo, sustentar a cooperação regional para enfrentar a complexa ameaça representada por grupos extremistas violentos.

Um aumento nos ataques de grupos militantes islâmicos na costa Ocidental Africana está a potenciar os receios de longa data de que a violência extremista no Sahel se espalhe para os seus vizinhos. O Benim foi o mais atingido, com uma duplicação do número de mortes registadas (para 173 mortes) no ano passado. O Togo também enfrentou um aumento na violência militante islâmica, incluindo 69 mortes no mesmo período. As áreas fronteiriças de Gana, Costa do Marfim, Guiné, Senegal e Mauritânia estão a enfrentar um nível de ameaça elevado de vários grupos militantes que tentam destabilizar dentro e entre as comunidades como meio de obter acesso e influência. O número anual de eventos violentos ligados a grupos militantes islâmicos dentro da área de 50 km das fronteiras dos vizinhos costeiros da África Ocidental do Sahel aumentou mais de 250% nos últimos 2 anos, ultrapassando os 450 incidentes.

Inicialmente centrada no Mali, a atividade de grupos militantes islâmicos mudou progressivamente para o oeste e para o sul no Burkina Faso, cruzando as fronteiras dos países costeiros vizinhos. O Sahel viu o número de eventos extremistas violentos duplicarem desde 2021 e quase o triplo de mortes relacionadas com esses eventos no mesmo período¹. Grupos militantes islâmicos deslocaram milhões, fecharam milhares de escolas e deixaram 12,7 milhões de pessoas em situação de insegurança alimentar no Burkina Faso, Mali e Níger.

A violência acelerou rapidamente após os golpes militares no Mali, Burkina Faso e Níger, desestabilizando a sub-região do Sahel². Enquanto isso, a cooperação de segurança regional foi prejudicada pela dissolução das juntas militares de iniciativas de segurança regional, como o G5 Sahel e a

FIGURA 1. VIOLÊNCIA MILITANTE ISLAMISTA NOS PAÍSES COSTEIROS E NUM RAIO DE 50 KM



Nota: Desde 2019, a Costa do Marfim registou um total de 18 eventos violentos e a Mauritânia quatro. Fonte: Armed Conflict Location & Event Data Project

Missão Multidimensional Integrada de Estabilização das Nações Unidas no Mali (MINUSMA). A cooperação regional foi ainda mais enfraquecida pelas intenções declaradas das juntas de se retirarem da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) e criarem a sua própria estrutura de segurança tripartida, conhecida como “Alliance des États du Sahel.”

A insegurança na costa Ocidental Africana tem sido particularmente acentuada em áreas fronteiriças e áreas protegidas conjuntamente, como o enorme Complexo de parques W-Arly-Pendjari (WAP), que inclui território de Benim, Burkina Faso e Níger e fica perto do Togo, Gana e Nigéria³. A localização transfronteiriça dos parques amplifica a complexidade que esse desafio de segurança representa para a cooperação regional.

O extremismo violento e outras ameaças transfronteiriças, como contrabando, crime organizado e caça furtiva, podem agravar fragilidades internas, como prestação limitada de

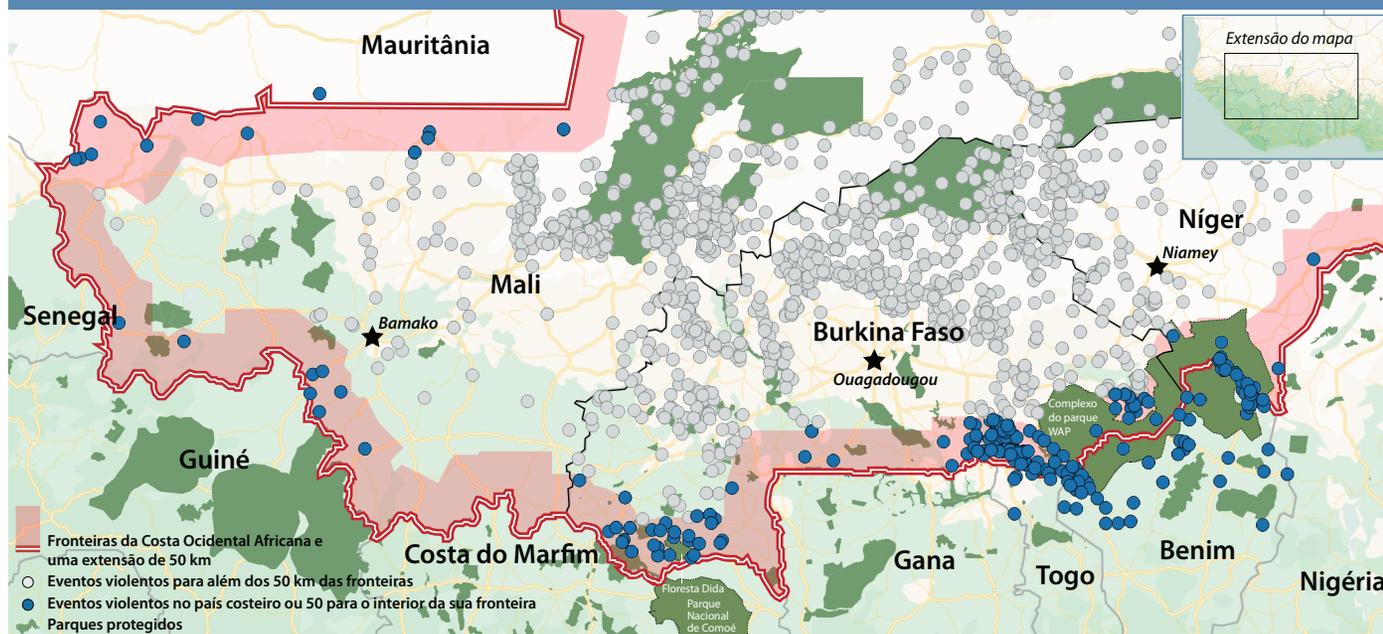
serviços governamentais, desinformação antigovernamental e tensões inter-comunitárias – potencialmente desencadeando a desestabilização de comunidades locais e governos na região.

O declínio da cooperação transfronteiriça e das capacidades de inteligência de apoio com as juntas militares em Burkina Faso, Níger e Mali despertou o interesse entre os países costeiros em fortalecer os apoios bilaterais e coletivos para enfrentar a crescente ameaça no seu lado da fronteira. Aumentar a coesão, a coordenação e a escala desses esforços costeiros da África Ocidental para mitigar as ameaças poderá evitar um maior impacto regional e maior custo.

O Dr. Daniel Eizenga é pesquisador do Centro de Estudos Estratégicos de África.

A Dra. Amandine Gnguènon é membro superior e Chefe do Programa de Geopolítica do Instituto de Pesquisa de Políticas de África.

FIGURA 2. EVENTOS VIOLENTOS LIGADOS A MILITANTES ISLAMITAS NA FRONTEIRA DA COSTA OESTE AFRICANA



Fonte: Armed Conflict Location & Event Data Project (1 de maio de 2023 – 1 de maio de 2024)

GRUPOS MILITANTES ISLÂMICOS AMEAÇAM A COSTA OCIDENTAL AFRICANA

A ameaça de grupos militantes islâmicos à costa Ocidental Africana não é monolítica. Grupos extremistas violentos no Sahel são frequentemente caracterizados como pertencentes ao Jama'at Nusrat al Islam wal Muslimeen (JNIM), uma coligação fraca de diferentes grupos que reivindicam filiação à Al Qaeda, ou ao Estado Islâmico no Grande Saara (ISGS). No entanto, as origens e a evolução dos grupos militantes que compõem o JNIM e o ISGS são mais complexas⁴. Analisar a dinâmica distinta de grupos militantes islâmicos por zona e atores específicos, obriga a uma maior reflexão no desenvolvimento de estratégias e respostas à diversidade de ameaças que cada grupo representa.

A rápida expansão para o oeste e para o sul da violência militante islâmica no Mali, Burkina Faso e Níger nos últimos anos aumentou drasticamente o número de eventos violentos ao longo das fronteiras dos países costeiros da África Ocidental, da Mauritânia à Nigéria. Embora a maior parte da atenção se tenha concentrado no Benim e no Togo, houve duas dúzias de incidentes extremistas violentos no Mali dentro da área de 50 km das fronteiras da Mauritânia, Senegal e Guiné – em regiões onde, até recentemente, havia

pouca ou nenhuma atividade. Além dessa ameaça, dois teatros primários de atividade extremista violenta surgiram no sul de Burkina Faso e no Níger. Estes ameaçam os seus vizinhos costeiros.

Mali – Costa do Marfim – Burkina Faso Zona da Tríplice Fronteira

A zona constituída pelas fronteiras do Mali, Costa do Marfim e Burkina Faso, representa uma artéria estratégica para a sub-região. Cerca de 25% das importações do Mali viajam de Abidjan para Bamako. Da mesma forma, 30-35% das importações do Burkina Faso entram pelo corredor Abidjan-Bobo Dioulasso. Mais de metade das exportações do Burkina Faso, incluindo seu valioso setor de algodão, dependem do porto de Abidjan.

Há também uma mineração artesanal significativa de ouro em toda esta zona, o que atrai trabalhadores migrantes dos três países, bem como da Guiné. Esses locais artesanais tiveram destaque nas receitas geradas para apoiar grupos armados do norte no conflito da Costa do Marfim durante os anos 2000. A confluência de fluxos comerciais, redes de mineração e contrabando de ouro artesanal e tráfico de armas apresentam alvos atraentes de influência para grupos militantes islâmicos na sub-região.



Camiões carregados de mercadorias esperando para cruzar um posto de fronteira comercial do norte do Togo com Burkina Faso. (Foto: Pius Utomi Ekpei / AFP)

Na região de Cascades, no sudoeste do Burkina Faso, a Frente de Libertação de Macina (FLM), liderada por Amadou Koufa, tem estado cada vez mais ativa desde 2018. Localmente, crê-se que o grupo militante seja liderado por um comandante usando o nome de guerra “Hamza” e tenha explorado redes de contrabando e tráfico, bem como locais de mineração artesanal⁵. O recrutamento de populações marginalizadas, a mistura com grupos criminosos, e o estabelecimento de fluxos de receita contínuos tornaram os extremistas violentos mais autossuficientes. Adicionalmente, a intimidação das comunidades locais, forçaram o recrutamento, a extorsão, eufemisticamente apresentada como um imposto religioso ou “zakat” e, por vezes, a imposição de leis opressivas relacionadas com o género, vestimenta e prática religiosa. Este grupos têm cada vez mais como alvo as forças de segurança e representantes do governo.

Tendo-se estabelecido no Burkina Faso, perto da Floresta de Dida, na fronteira com o norte da Costa do Marfim, o grupo começou a realizar ataques através da fronteira contra as forças de segurança da Costa do Marfim em 2020, incluindo um ataque a um posto da gendarmarie do exército em Kafolo. O governo da Costa do Marfim respondeu aumentando rapidamente a segurança e investimento socioeconómico na região.

À medida que os militantes se vão expandindo para Sudoeste, tornam-se uma ameaça crescente para as comunidades do Burkina Faso ao longo das fronteiras com

a Costa do Marfim e o Mali, estabelecendo acampamentos em zonas florestais protegidas. Moradores deslocados procuraram refúgio na Costa do Marfim. Embora a FLM ainda não tenha como alvo as comunidades do Gana, a Floresta Dida fica a apenas 100 milhas (150 km) da fronteira com o Gana. No lado marfinense da fronteira está o Parque Nacional de Comoé, um extenso interior de natureza selvagem. Se os militantes que operam no Burkina Faso se estabelecerem no parque, pode se tornar cada vez mais difícil erradicá-los da área.

O Complexo do Parque W-Arly-Pendjari

Um segundo teatro predominante diz respeito ao Complexo de parques nacionais² WAP com 26.361 km. A proteção desta reserva transfronteiriça da biosfera (Património Mundial da UNESCO) envolve a coordenação entre vários governos em uma série de questões, incluindo a gestão do meio ambiente, relações com a comunidade e, mais recentemente, a segurança. Os parques tornaram-se num refúgio para grupos militantes islâmicos desde 2018, quando combatentes dos grupos alinhados ao JNIM – FLM, Katiba Serma e Ansaroul Islam – criaram aí esconderijos. O ISGS também usou o parque no lado nigeriano. Com o tempo, os militantes desenvolveram conexões locais recrutando jovens vulneráveis e construindo laços com redes de contrabando, que prosperam usando os parques nacionais em torno do comércio ilícito de combustível, cigarros, produtos e medicamentos falsificados, tráfico de armas e ouro.

Os principais corredores comerciais e económicos passam perto do Complexo WAP Park. Incluem os corredores Ouagadougou-Lomé, Niamey-Lomé, Niamey-Cotonou, Ouagadougou-Accra e Niamey-Ouagadougou. Cerca de dois terços das importações de Burkina Faso entram no país por esses corredores. Enquanto isso, o corredor Niamey-Cotonou é a principal rota de importação e exportação do Níger, com mais de 50% do comércio do Níger. Cerca de 20% das importações do Níger dependem desses corredores que passam pelo Burkina Faso. Todos esses corredores estão sob a crescente ameaça de grupos militantes islâmicos que operam nas áreas fronteiriças do Complexo do Parque WAP.

Pouco se sabe sobre as estruturas de liderança dos grupos extremistas violentos que operam nos parques do WAP. Moradores de comunidades locais, que interagiram com os militantes islâmicos, associam a Amadou Koufa da FLM e Jafar Dicko do Ansaroul Islam, como líderes dos respetivos grupos. No entanto, crê-se que nenhum desses líderes se encontra no interior dos parques. Alguns oficiais de segurança estabelecem a ligação de grupos, como Katiba Hanifa, a um suposto líder nigeriano Abu Hanifa. Outros possíveis comandantes locais incluem Abu Issa, no Burkina Faso, e Cheick Albani, no norte do Benim⁶. A falta de clareza em torno dos grupos e a sua composição destaca a inteligência limitada disponível sobre as suas operações.

“A falta de clareza em torno dos grupos e a sua composição destaca a inteligência limitada disponível sobre as suas operações.”

Dos seus acampamentos dentro do Parque WAP, os militantes islâmicos têm como alvo locais de mineração artesanal de ouro ao redor da reserva, negociando, e, por vezes, extorquindo pastores de gado que se movem pelos parques e no seus arredores. Os extremistas tentam apresentar-se como uma autoridade governamental alternativa, às vezes impondo estrita adesão à sua interpretação da lei da Sharia. As comunidades que vivem perto da reserva, particularmente no Burkina Faso, mas também cada vez mais no Benim, foram atacadas por grupos militantes islâmicos. Mais recentemente, o Togo tem visto um aumento das incursões dos grupos que estão a usar a faixa ocidental das terras da reserva para se expandir pelo Sudeste de Burkina Faso.

O Complexo do Parque WAP é um exemplo instrutivo de como as regiões fronteiriças não controladas, fornecem refúgios seguros para grupos militantes islâmicos que operam nesta região. Eles podem mover-se em ambos os lados da fronteira e refugiarem-se nos parques para impedirem a persiguição pelas forças de segurança. A redução da cooperação e coordenação transfronteiriça após os golpes de Estado no Burkina Faso e no Níger beneficiaram os grupos extremistas violentos que procuram cobertura nesta extensa reserva.

Pastores, agricultores e contrabandistas que usam as áreas protegidas envolvem-se em confrontos com as autoridades de conservação e segurança, levando a despejos, prisões, abusos, abate de gado e destruição de campos. Os grupos extremistas têm aproveitado esta situação de conflito para mobilizarem o recrutamento e apoio, destacando os desafios das forças de segurança para combaterem os grupos militantes num corredor económico de alto valor, protegendo as comunidades e os recursos naturais de um país.

RESPOSTAS NACIONAIS À CRESCENTE INSEGURANÇA

Entre os grupos extremistas violentos no Sahel há muitos que exploram as tensões intercomunitárias para incitar a discórdia social, enfraquecer a confiança no governo e recrutar apoiantes. Assim, uma das principais prioridades das autoridades locais e dos governos centrais dos países costeiros da África Ocidental é melhorar o acesso aos serviços sociais básicos, desenvolver atividades geradoras de rendimento e reforçar a confiança entre as forças de segurança e a população nas regiões fronteiriças.

O governo da Costa do Marfim lançou, em 2022, um Programa Especial do Norte, que combina uma maior presença de forças de segurança nas regiões fronteiriças do norte, investindo em infraestruturas e programas sociais dirigidos a jovens desempregados e com baixos níveis de escolaridade⁷. O programa foi elogiado como um modelo de sucesso e pode ter contribuído para a redução da atividade militante islâmica observada na Costa do Marfim desde 2021. As operações transfronteiriças anteriores entre as forças da Costa do Marfim e do Burkina Faso (2020-2021) também contribuíram para melhorar a segurança, a comunicação e a coordenação através da fronteira. No entanto, desde os golpes de 2022 no Burkina Faso, as relações entre os dois países degradaram-se, e as operações conjuntas cessaram em grande parte, aumentando a vulnerabilidade.

No Togo, em 2022, o governo iniciou um ambicioso programa multi-setorial de 26,6 milhões de dólares, o “Programme d’urgence pour les Savanes,” na região mais a norte⁸. O Banco de Desenvolvimento da África Ocidental está a apoiar este programa com um valor adicional de 50 milhões de dólares destinados à melhoria das infraestruturas, prestação de serviços sociais e resiliência económica na região. A situação de estado de emergência, em vigor desde junho de 2022, aumentou o destacamento de tropas para o norte do Togo. Esta situação, é vista como uma ação exagerada por parte das forças de segurança, um resultado contraproducente para o objetivo de construir relacionamento com comunidades vulneráveis.

No Gana, um programa abrangente de descentralização, incluindo refazer jurisdições administrativas nas regiões do norte, foi acompanhado de investimentos em segurança das fronteiras e recolha de inteligência. O governo também enviou militares e forças policiais para aumentar a segurança em comunidades onde as tensões intercomunitárias são mais intensas e é conhecida a presença de grupos extremistas violentos⁹. A conduta profissional das forças de segurança ganesas ajudou a reduzir a violência e a tensão nas comunidades do norte de Gana, demonstrando que esses esforços são um elemento crítico de uma estratégia eficaz para a prevenção de conflitos.

O Benim foi o país costeiro mais atingido pela insegurança extremista violenta. A criação da Agência de Gestão de Áreas Fronteiriças do Benim tem como objetivo combinar segurança, prevenção e desenvolvimento nas comunidades fronteiriças do Benim. No entanto, as iniciativas de policiamento comunitário destinadas a estabelecer a confiança com populações vulneráveis, têm sido limitadas e morosas face à crescente ameaça dos grupos extremistas. Como resultado, o Benim mobilizou 3.000 soldados, como parte da sua Operação Mirador, para patrulhar as áreas fronteiriças e combater os crescentes ataques de militantes islâmicos contra comunidades, forças de segurança e guardas florestais.

A presença repentina das forças militares, no entanto, exacerbou as tensões com as comunidades locais. Essas operações, às vezes pesadas, inadvertidamente aprofundaram as queixas contra o governo¹⁰.

A Operação Mirador é aumentada com mais 4.000 soldados que são destacados numa base rotativa e sazonal. Os militares também recrutaram cerca de 1.000 elementos

locais para aprimorar as suas capacidades de inteligência no norte. Atendendo à dimensão significativa do Parque WAP, na fronteira com o Burkina Faso e o Níger, as forças de segurança trabalham em estreita colaboração com a organização de conservação sem fins lucrativos, African Parks, com sede na África do Sul, que administra o lado do Benim das reservas do Parque Pendjari e do Parque W, através de uma parceria público-privada.

O Benim tem trabalhado em estreita colaboração com as forças de segurança do Níger, tendo assinado um acordo de cooperação militar, em julho de 2022, com o objetivo de melhorar a segurança transfronteiriça. No entanto, após o golpe de Estado no Níger, em julho de 2023, a Junta do Níger cancelou abruptamente o acordo de cooperação. Da mesma forma, as discussões sobre a viabilidade de criar uma estrutura unificada de gestão e segurança para o complexo do parque, com a African Parks assumindo a gestão dos lados do Níger e do lado do Burkina Faso, da reserva WAP, também foram suspensas.

“As forças de segurança devem criar estratégias para dismantlar as complexas redes ilícitas e erradicar os militantes islâmicos, protegendo e criando a confiança das comunidades locais.”

Somando-se à complexidade, os grupos militantes islâmicos tentam explorar os ressentimentos locais ao longo das regiões fronteiriças, incluindo receios sobre a perda de meios de subsistência dependentes de redes ilícitas¹¹. As forças de segurança devem criar estratégias para dismantlar as complexas redes ilícitas e erradicar os militantes islâmicos, protegendo e criando a confiança das comunidades locais.

COOPERAÇÃO DE SEGURANÇA REGIONAL NA COSTA OCIDENTAL AFRICANA

Além das considerações nacionais, as implicações transfronteiriças do combate ao extremismo violento nas zonas fronteiriças, destacam a importância da coordenação na segurança regional. A CEDEAO tem sido a estrutura de cooperação regional saliente na África Ocidental, devido à vontade política de seus membros, forte estrutura legal, e experiência em operações de paz e segurança. A CEDEAO realizou inúmeras operações de manutenção de paz e criou

a Força de Intervenção (ECOWAS Standby Force -ESF, como parte da Arquitetura de Paz e Segurança da União Africana. A FSE substituiu o Grupo de Monitorização do Cessar-Fogo da CEDEAO (ECOMOG) no início dos anos 2000. No entanto, a crescente ameaça do extremismo violento na África Ocidental revelou grandes desafios para mobilizar forças nos últimos anos.

O presidente Bola Ahmed Tinubu, da Nigéria, pediu a reativação da FSE. Contudo, o estabelecimento da FSE não se coaduna com a realidade em termos de operacionalização. Entretanto, o aumento da insegurança no Sahel e a sua dispersão para os países costeiros, obrigou os respetivos governos a desenvolverem iniciativas ad-hoc para responder à evolução da ameaça.

A Iniciativa Accra (2017–presente)

Após um forte ataque terrorista, em Grand-Bassam, Costa do Marfim, e a expansão da violência militante islâmica do Mali para Burkina Faso, o governo de Burkina Faso e seus quatro vizinhos costeiros – Benim, Costa do Marfim, Gana e Togo – estabeleceram, em 2017, a Iniciativa de Accra, em para combater a disseminação do extremismo violento, prevenir ataques terroristas e combater o crime organizado transnacional nos seus territórios. O Mali e o Níger aderiram em 2020. A Nigéria mantém o estatuto de observador, desde abril de 2022.

A sua composição faz da Iniciativa de Accra o órgão mais lógico para coordenar uma maior cooperação regional de segurança na costa da Ocidental Africana. A Iniciativa de Accra visa promover uma maior coordenação, reunindo uma coligação de países dispostos a cooperar. A iniciativa serve como intermediária entre um conjunto de países geograficamente próximos, que compartilham objetivos de segurança regional e precisam construir uma mobilização coletiva.

Juntos, os membros priorizaram três áreas de cooperação operacional. Em primeiro lugar, concentraram-se na recolha, compilação e partilha de inteligência. Isso implicou intercâmbios regulares entre agências de segurança e de inteligência através de uma estrutura não formalizada de pontos focais. Estes encontros teem contribuido para o fortalecimento das relações entre os governos parceiros e os elementos de segurança, promovendo uma cooperação mais forte para prevenir o extremismo violento.



Forças de segurança praticam formações e comunicação durante uma sessão de treinamento perto do Parque Nacional Pendjari, Benim. (Foto: Stefan Heunis / AFP)

As operações conjuntas de segurança transfronteiriça são a segunda e mais visível atividade da Iniciativa de Accra. As forças armadas, que operam em grande parte no seu próprio território, sob os seus próprios comandos táticos e com o seu próprio financiamento, têm realizado operações conjuntas periódicas desde 2018. Embora de curta duração e geograficamente limitadas, estas operações permitiram a detenção de militantes suspeitos.

Uma lacuna contínua nos esforços transfronteiriços centra-se na melhoria de s estratégias de coordenação para confrontar os grupos militantes islâmicos que operam nas zonas fronteiriças, particularmente em torno do território do Complexo do Parque WAP e do sudoeste do Burkina Faso. As comunicações existentes entre os pontos focais da Iniciativa de Accra podem ser facilmente desenvolvidas através de centros de informações. Um centro deste tipo, poderia facilitar o planeamento estratégico em toda a região e facilitar o desenvolvimento de sinergias, tanto na resposta em termos de segurança como nas iniciativas de subsistência, lideradas pelos respetivos governos. Desta forma, a Iniciativa de Accra pode facilitar a partilha de lições entre os seus membros.

O terceiro pilar da Iniciativa de Accra é a componente do treino. Embora seja a o aspecto menos desenvolvido das atividades da Iniciativa de Accra, muitos dos seus membros já possuem a infraestrutura para organizar a formação necessária em contraterrorismo e combate ao extremismo violento, para militares e civis. Importa por isso definir e estabelecer procedimentos e requisitos necessários na preparação de forças para destacamentos de forma a garantir o avanço profissional.

É também necessária uma maior atenção quanto à importância do desenvolvimento da confiança junto das comunidades e elevar os padrões de desempenho profissional. O treino com as comunidades é crucial para inculcar nos militares atitudes e comportamentos profissionalmente adequados. O sucesso no combate ao extremismo violento e nos esforços para a estabilização, dependem muito do restabelecimento e manutenção de boas relações entre o governo e as comunidades locais.

Força-Tarefa Conjunta Multinacional (MNJTF, 2015-presente)

A MNJTF tem o mandato de salvaguardar a segurança nas áreas ameaçadas pelo Boko Haram e pelo Estado Islâmico, na África Ocidental (ISWA), protegendo civis de ataques violentos, implementando programas de estabilização para as comunidades da Bacia do Lago Chade e facilitando as operações humanitárias e a prestação de assistência às populações afetadas. A MNJTF é, aproximadamente, é composta de um contingente de 10.000 soldados vindos da Nigéria, Chade, Camarões, Níger e Benim.

O mandato da MNJTF contempla duas fases. Uma primeira fase, consiste na condução de operações de combate contra o grupo Boko Haram e grupos afiliados, incluindo operações de contraterrorismo, campanhas de destruturação, patrulhas, operações de busca e resgate de sequestrados e campanhas de informação para incentivar a deserção. Numa segunda fase, a MNJTF proporcionará uma plataforma de coordenação para abordar os fatores de extremismo violento na região, através da sua Estratégia Regional para a Estabilização, Recuperação e Resiliência (RS-SRR) da Região do Lago Chade. O RS-SRR estabelece nove pilares de intervenção, dos quais cinco centra-se nas causas subjacentes do extremismo violento, incluindo a governança centrada no cidadão, a recuperação sócio-económica e a sustentabilidade ambiental, o alargamento de oportunidades educacionais, a construção da paz, e capacitação de mulheres e jovens¹². Cada um destes pilares integra objetivos estratégicos, que servem de enquadramento para a Estratégia Regional.

Na primeira fase do mandato, as forças da MNJTF colaboram com os comandos nacionais para coordenar esforços. Os comandantes da MNJTF estabelecem contactos regulares com os comandantes das zonas fronteiriças para coordenar operações com as forças nacionais. Desta

forma, as forças da MNJTF aumentam a capacidade de intervenção das forças nacionais e servem como elemento agregador para a coordenação entre as diferentes forças armadas nacionais da Bacia do Lago Chade. Essas características provaram ser essenciais nas operações da MNJTF para aumentar a capacidade militar e limpar áreas das atividades do Boko Haram e do ISWA. A MNJTF também trabalha para coordenar esforços com elementos das forças de segurança locais, como a Força-Tarefa Conjunta Civil no nordeste da Nigéria.

Além da sua componente militar, a MNJTF está preparada para interagir com grupos civis orientados para a gestão de conflitos. A MNJTF, como parte do RS-SRR, tem trabalhado principalmente através da sua Célula de Cooperação Civil-Militar para coordenar esforços a nível da segurança da segurança local, de forma a garantir o acesso humanitário, o retorno transfronteiriço seguro de refugiados e a abertura segura de fronteiras à mobilidade humana e ao comércio transfronteiriço. A Comissão da Bacia do Lago Chade, um órgão regional encarregado de gerir os recursos do Lago Chade, serviu como plataforma facilitadora, para toda a região, na intercomunicação entre os governadores locais acompanhados de organizações da sociedade civil das comunidades locais, para fornecerem informações sobre as atividades da MNJTF¹³. Isso permitiu um maior envolvimento dos diferentes ministérios e administradores locais nos esforços de estabilização da MNJTF, reforçando, por sua vez, os objetivos e a gestão os recursos para atender a outras comunidades.

“A adaptação dos programas de estabilização às necessidades da comunidade ajuda, por sua vez, a facilitar a apropriação e a adesão local.”

Através de uma metodologia de trabalho integrada a nível local ajudou a MNJTF a construir uma relação de confiança mais ampla entre as comunidades. Este resultado foi conseguido através de um planeamento estratégico envolvendo a comunidade civil e uma abordagem compreensiva da RS-SSR. Diante da complexidade de insurgências que se aproveitam da insatisfação das comunidades locais face a medidas governamentais desproporcionadas, este tipo de resposta provou ser um ingrediente chave para os sucessos da MNJTF.

A adaptabilidade incorporada no design do RS-SSR também permite a MNJTF trabalhar junto das comunidades, nos diferentes níveis para atender às respetivas necessidades. A adaptação dos programas de estabilização às necessidades da comunidade ajuda, por sua vez, a facilitar a apropriação e a adesão local. Estes elementos são essenciais para combater o extremismo violento em contextos onde as respostas governamentais devem ser adaptadas em função das diferentes comunidades.

REFORÇAR UMA RESPOSTA REGIONAL À CRISE CRESCENTE

A violência dos grupos militantes islâmicos no Sahel está a expandir-se rapidamente em toda a África Ocidental, afetando as comunidades nas regiões fronteiriças de vários países costeiros. O factor comum da ameaça extremista, a proximidade geográfica, e o interesse nacional do Benim, Togo, Gana e Costa do Marfim — incluindo Guiné, Senegal e Mauritânia — como países vizinhos do Sahel, ressalta a necessidade de uma coordenação regional reforçada. Por meio da Iniciativa Accra, estes países costeiros melhoraram a partilha de inteligência, a cooperação a nível da segurança e a partilha de recursos, embora muito mais possa ser feito. As lições aprendidas quer, da estratégia de estabilização da MNJTF a vários níveis na Bacia do Lago Chade, bem como das estratégias nacionais dos estados membros da Iniciativa de Accra, permitem definir áreas prioritárias de investimento e ações a serem implementadas.

Melhorar a conduta das forças de segurança para incrementar o relacionamento com as comunidades. Os grupos militantes islâmicos conseguiram explorar fronteiras porosas. A intensificação do destacamento de forças do exército, da polícia e da alfândega nas regiões fronteiriças dos países costeiros da África Ocidental, é, portanto um requisito necessário, mas insuficiente. Uma lição fundamental nos esforços de estabilização diz respeito à necessidade de as forças de segurança destacadas respeitarem os cidadãos locais e as suas propriedades. Evitar desproporcionalidade aplicação da lei e, simultaneamente, criar uma relação de confiança junto das populações locais, são componentes fundamentais para o sucesso da contra insurgência¹⁴.

A aplicação consistente de práticas centradas no cidadão, pelas forças de segurança dos países da costa Ocidental Africana irá implicar o treino das forças de segurança,

centrado na mitigação de danos colaterais juntos das comunidades locais. O Benim fez melhorias através do desenvolvimentos de períodos de estágio por grupos de militares, durante os últimos meses do Ensino Militar Profissional. Programas semelhantes podem ser desenvolvidos para aumentar a confiança das comunidades e a mitigação de danos civis.

Instituições com capacidade de reforçar o profissionalismo e a conduta das forças de segurança já estão presentes na região. A Costa do Marfim, por exemplo, recebe a Academia Internacional de Luta contra o Terrorismo, e o Gana recebe o Centro Internacional de Treino Kofi Annan, para Operações de Manutenção da Paz. Estas e outras instituições de ensino militar profissional, podem funcionar como referência para a expansão da Iniciativa de Accra.

Concentrar o desenvolvimento de esforços em áreas vulneráveis. Os investimentos no desenvolvimento de iniciativas em áreas fronteiriças, como as realizadas na Costa do Marfim, provaram ser uma estratégia de estabilização eficaz. Replicar e aumentar essa prestação de serviços integrados para todos os países costeiros da África Ocidental, é uma prioridade para criar confiança nas comunidades locais e mitigar o recrutamento por grupos extremistas violentos. O investimento em programas sociais mostra que a estabilização implica não apenas soluções militares.

Países como a Costa do Marfim e o Gana podem desempenhar um papel importante em toda a sub-região, no treino e na partilha de boas práticas. Este processo de aprendizagem pode ser mais eficiente, mediante intercâmbios de desenvolvimento entre os países costeiros e mobilizando fundos para projetos socioeconómicos nas áreas fronteiriças.

As iniciativas de desenvolvimento nas regiões fronteiriças também podem criar abertura para a cooperação bilateral com os regimes liderados por juntas no Sahel. Os ministérios responsáveis pelas questões relativas ao desenvolvimento, nos países do Sahel, são mais propensos a serem chefiados por civis que trabalhem em prol da estabilidade (muitas vezes profissionais experientes nas áreas de meio ambiente, infraestrutura ou saneamento) representando oportunidades para o desenvolvimento de iniciativas de cooperação transfronteiriça.

Estabelecer uma estratégia regional para mitigar os riscos do Complexo WAP Park. Dada a expansão da atividade militante islâmica nos parques WAP, a coordenação entre Benim, Togo, Gana e Nigéria, em políticas de governo para as fronteiras e espaços protegidos, é crucial para aprimorar uma estratégia de estabilização eficaz. Aproveitar as lições dos compromissos da MNJTF com a Comissão da Bacia do Lago Chade e suas ligações com as comunidades locais, pode ser fonte de inspiração para o desenvolvimento de uma abordagem multifacetada para a proteção das comunidades em redor do Complexo do Parque WAP e dos respectivos ecossistemas.

Como a Bacia do Lago Chade, as áreas dos parques WAP estão sob o controlo efetivo de extremistas violentos. Isso exige uma abordagem que integre operações de combates coordenadas para eliminar os grupos militantes islâmicos das áreas de fronteira e parques, com apoio regional e internacional, para ajudar a preservar o frágil meio ambiente dentro e em redor das reservas do parque, das quais dependem os meios de subsistência locais. Para tal, serão necessárias iniciativas adaptadas às comunidades que equilibrem interesses e objetivos variados.

Torna-se necessária garantir uma partilha de responsabilidades na gestão de zonas fronteiriças que equilibrem a sustentabilidade pastorícia, agricultura e a proteção da natureza. O sucesso da implementação de tais iniciativas depende muito da sua consciencialização à priori e da ampla inclusão e contribuição da sociedade civil local (líderes religiosos e tradicionais das comunidades, jovens e mulheres)¹⁵.

“Outras medidas da gestão da conservação, dentro de uma estratégia multifacetada e multisetorial, que permitam beneficiar as comunidades locais e o combate das redes ilícitas e o extremismo violento, serão um ingrediente chave para responder a esta ameaça na região do WAP.”

Parcerias público-privadas como a firmada entre o Governo do Benim e a African Parks podem ser tidas como exemplos. A organização da conservação dos parques fez progressos trabalhando com as comunidades na resolução de questões entre as comunidades. Outras medidas da gestão da conservação, dentro de uma estratégia multifacetada e

multisetorial, que permitam beneficiar as comunidades locais e o combate das redes ilícitas e o extremismo violento, serão um ingrediente chave para responder a esta ameaça na região do WAP.

Caso a cooperação com o Mali e o Burkina Faso seja melhorada, uma estratégia semelhante para as zonas fronteiriças em torno do Parque Nacional de Comoé e da Floresta de Dida, na zona da fronteira tríplice Mali-Costa do Marfim-Burkina Faso, servir de modelo para uma estratégia WAP.

Sincronizar avaliações conjuntas de riscos de conflito.

Os países costeiros da África Ocidental podem melhorar e agilizar a partilha de inteligência entre os membros da Iniciativa Accra, mantendo canais regulares de comunicação e relatórios entre os agentes de segurança, relativamente ao movimento dos grupos militantes islâmicos. Esta comunicação lateral pode compensar a partilha limitada de inteligência das juntas do Sahel. Pode também mostrar que a diversidade de motivações e táticas das pessoas envolvidas no extremismo violento não é monolítica, mas constitui um conjunto de grupos, cada um com uma estrutura de comando diferente. Em alguns casos, estes grupos tendem a operar motivados mais pela prática de crimes violentos, do que pela ideologia, extraindo recursos naturais, explorando redes ilícitas e extorquindo comunidades locais, especialmente ao longo dos principais corredores económicos transfronteiriços.

A avaliação de ameaças pode ser combinada com as da Rede de Resposta de Alerta Antecipada da CEDEAO. Em conjunto, as avaliações podiam ajudar a edificar uma estratégia integrada de estabilização. De modo sistemático, o desenvolvimento de uma Avaliação de Risco e Vulnerabilidade pela CEDEAO, também se poderia usar se por país, permitia iniciar um processo de análise conjunto e atualizá-lo regularmente com todos os seus membros.

Adotar uma estratégia de estabilização estruturada. Dada a natureza descentralizada da ameaça extremista violenta e a experiência de outras iniciativas de segurança regional, os países costeiros da África Ocidental devem desenvolver uma estratégia multifacetada e uma abordagem institucionalizada para a estabilização.

A primeira prioridade e o primeiro nível desta estratégia são as comunidades locais e as agências governamentais nas zonas fronteiriças confrontadas com o aumento da

violência extremista. Aqui, os líderes podem desenvolver ações e táticas específicas que minam as oportunidades para o enraizamento do extremismo violento, e aumentem a resiliência das comunidades. A gestão adequada deste nível ajuda a reduzir eventuais comportamentos desajustados e a consequente insatisfação.

Um segundo nível integra os respectivos governos, no apoio dos esforços locais, com iniciativas integradas para a proteção e desenvolvimento dos interesses socioeconômicos dessas regiões. A Iniciativa de Accra representa um terceiro nível de coordenação, inteligência e partilha de recursos, operações conjuntas em áreas fronteiriças vulneráveis e aumento da capacidade de apoio a estes esforços nacionais.

Como principal organização de coordenação regional, a CEDEAO representa um quarto nível de apoio institucional que pode ajudar a facilitar a partilha de políticas e experiências de toda a região para apoiar os países costeiros da África Ocidental. A CEDEAO também pode fornecer assistência financeira ou material aos países da linha de

frente, conforme necessário. Isso inclui facilitar o apoio dos doadores diretamente aos governos nacionais envolvidos nos esforços de estabilização.

Na eventualidade de uma regressão na segurança a experiência da CEDEAO em outras iniciativas de segurança regional forneceria a base para o envio da Força de Alerta da CEDEAO. O envolvimento da CEDEAO também pode facilitar a coordenação de políticas através de um quinto nível, a União Africana. Além da valiosa validação política destes esforços, os países costeiros da África Ocidental podem aproveitar as diretrizes estabelecidas pela União Africana sobre proteção civil e mitigação de danos.

Coletivamente, essa arquitetura permite ampliar e aproveitar maior de recursos e conhecimentos do que noutro nível. Esta abordagem também reconhece a complexidade da ameaça de extremismo violento, que, embora operacionalizada localmente, está a desdobrar-se numa extensa área transfronteiriça com base em redes regionais de combatentes, recursos e comunicação.

NOTAS

- ¹ Centro de Estudos Estratégicos de África, “Mortes ligadas à violência islâmica militante em África continuam a aumentar,” *Infografia*, 29 de janeiro de 2024.
- ² Centro de Estudos Estratégicos de África, “Mali Catastrophe Accelerating under Junta Rule,” *Infografia*, 10 de julho de 2023; Centro de Estudos Estratégicos de África, “Burkina Faso Crisis Continues to Spiral,” *Infografia*, 29 de agosto de 2023.
- ³ Fundação Konrad Adenauer, Programme pour le Dialogue sur la Sécurité en Afrique Subsaharienne (SIPODI), ed., “Le renseignement en Afrique de l’Ouest: État des lieux et perspectives” (Paris: L’Harmattan, 2017); Leif Brottem, “The Growing Threat of Violent Extremism in Coastal West Africa,” *Spotlight*, Centro de Estudos Estratégicos de África, março de 2022.
- ⁴ Daniel Eizenga e Wendy Williams, “O enigma da JNIM e dos grupos islamistas militantes no Sahel,” *Resumo de segurança em África No. 38*, Centro de Estudos Estratégicos de África, novembro de 2020.
- ⁵ International Crisis Group, “Keeping Jihadists Out of Northern Côte d’Ivoire,” *Africa Briefing No. 192*, 11 de agosto de 2023.
- ⁶ International Crisis Group, “Containing Militancy in West Africa’s Park W,” *Africa Report n.º 310*, 26 de janeiro de 2023.
- ⁷ Cyril Bensimon, “La Côte d’Ivoire aux marges de la menace djihadiste,” *Le Monde Afrique*, 16 de junho de 2023.
- ⁸ Entrevista com Gnanguénon, abril de 2022.
- ⁹ Michael M. Phillips, “Al Qaeda Closes in on a Stalwart U.S. Ally in Africa,” *Wall Street Journal*, 26 de março de 2023.
- ¹⁰ Africa Defense Forum, “Benim Reforça Presença Militar no Norte para Acabar Com os Ataques Transfronteiriços,” *Notícias Diaries*, 26 de julho de 2022; Davide Lemmi and Marco Simoncelli, “Benin is the New Jihadist Front in Africa,” Pulitzer Center, 12 de outubro de 2022.
- ¹¹ Jeannine Ella A. Abatan and William Assanvo, “Links between Violent Extremism and Illicit Activities in Benin,” *West Africa Report N° 42*, Institute for Security Studies, junho de 2023.
- ¹² A Comissão da Bacia do Lago Chade e a Comissão da União Africana, “Regional Strategy for the Stabilization, Recovery, and Resilience of the Boko Haram-affected Areas of the Lake Chad Basin Region,” 2018.
- ¹³ Freedom Chukwudi Onuoha, Andrew E. Yaw Tchie, and Mariana Llorens Zabala, “A Quest to Win the Hearts and Minds: Assessing the Effectiveness of the Multinational Joint Task Force,” *EPON Report*, Norwegian Institute of International Affairs, 30 de janeiro de 2023.
- ¹⁴ Christopher Paul, Colin P. Clarke, Beth Grill, e Molly Dunigan, “Paths to Victory: Lessons from Modern Insurgencies,” Rand Corporation, 26 de setembro de 2013.
- ¹⁵ Human Security Research Centre (Ghana), “The Accra Initiative: What it Seeks to Achieve and Its Prospects for Success,” *Policy Brief N°. 001*, junho de 2020.



CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DE ÁFRICA

Amanda J. Dory, Diretora
National Defense University
Fort Lesley J. McNair
Washington, DC 20319-5066
+ 1 202 685-7300
www.africacenter.org

Resumos de segurança em África
Joseph Siegle, Ph.D.
Diretor de Pesquisa
sieglej@ndu.edu
+1 202 685-6808
ISSN 2164-4047

O Centro de Estudos Estratégicos de África é uma organização académica estabelecida pelo Departamento de Defesa que serve como um fórum objetivo para pesquisa, programas académicos e troca de ideias. As séries de Resumo de Segurança em África apresenta pesquisas e análises com o objetivo de promover a compreensão sobre as questões de segurança na África. As opiniões, conclusões e recomendações expressas ou implícitas são dos contribuintes e não refletem necessariamente a opinião do Centro.